

## EM CENA A LENDA AMAZÔNICA: A MATINTA PERERA

Rosalina Albuquerque Henrique<sup>1</sup>

*Matintaperêra chegou clareira e logo silvou...  
No fundo do quarto Manduca Torquato de medo  
gelou...*

Waldemar Henrique

Meninos e meninas que aprendem a ler envolvidos em situações de leituras compartilhadas em contato direto com a literatura sentem-se incentivados a desenvolver melhor estratégias de compreensão de textos com condições em que sejam possibilitadas produções textuais de forma significativa. O que representa um marco ao desenvolvimento da personalidade, do espírito científico e de uma reflexão constante sobre tudo o que torna a vida mais decente, por isso, não é justo se fechar em práticas escolares para os estudantes dominarem o Sistema de Escrita Alfabética, mas, acima de tudo, o de levá-los a desenvolver habilidades fazendo uso desse sistema em diversas situações comunicativas.

Fato demonstrado por Ferreiro (1985) que a aprendizagem de leitura e escrita das crianças começa muito antes mesmo delas frequentarem a escola, tendo esta o papel de aprofundar e assegurar os conhecimentos, procurando entender como se dá esse processo de aquisição e apropriação da linguagem. Podemos afirmar que o ensino de língua materna garante ao ser que inicia seus caminhos no mundo das letras saberes linguísticos essenciais à sua participação social efetiva na superação de desigualdades sociais, ainda presenciais em nossa sociedade.

É válida a realização de situações didáticas que favoreçam aos alunos o domínio do dialeto padrão, sem a ideia do preconceito linguístico, da forma de falar em seu grupo familiar e em seu grupo social, pois “é preciso romper com o bloqueio de acesso ao poder, e a linguagem é um de seus caminhos. Se ela serve para bloquear — e disso ninguém dúvida —, também serve para romper o bloqueio” (GERALDI, 1997, p. 44).

Albert Einstein dizia que aprendizagem é ação, do contrário é apenas informação. Informações as crianças estão cheias, mas elas precisam ser movimentadas, articuladas, vividas e pensadas em nossas salas de aulas. Ao observar um adulto interagindo com a escrita, o educando passa a compreender que a sua língua escrita tem uma função social: a de se comunicar e fazer-se comunicativo, mas podendo também gerar e resolver conflitos, solucionar problemas e interagir no meio em que vive, entendendo e construindo a sua história.

“A leitura é, então, mais que uma atitude, uma forma de conhecimento e de inserção social que se articula com outros conhecimentos e expressões de cultura” (MARINHO; SILVA, 1998, p. 69), ligada ao ético, às relações histórico-sociais e políticas e à formação do cidadão ciente de sua função social. Isso inclui o aprendizado da criança voltado ao bom êxito do exercício da língua, visto que o manuseio de textos literários ou não nas aulas não podem servir como pretexto para explorar apenas informação pela informação.

Em séries iniciais, os professores têm obtido resultados negativos porque quando pensam que devido à criança está ainda se apropriando do sistema de escrita alfabética ela tenha um interesse pelas letras, sílabas e palavras — posto que o que lhe chama atenção mesmo é a história. As palavras não sendo exploradas são negras e sem vida, mas que

---

<sup>1</sup> Secretaria Municipal de Educação e Cultura, Belém, Pará, Brasil. E-mail: [rosalinaah@hotmail.com](mailto:rosalinaah@hotmail.com).

ganham forma e sentido ao serem oralizadas pelo professor. Se o professor lê com dinamismo e entonação, o aluno sente-se incentivado a ler, a adentrar no mundo do conhecimento.

Para Pietro (1999, apud COELHO, 2003, p. 8) “mar de histórias é a expressão que se usava em sânscrito para se referir ao universo das narrativas”. É nesse universo que mora as nossas crianças cada vez mais repleto de elementos visuais, sonoros e gráficos com uma profusão de letras inscritas em variados suportes: revistas em quadrinhos, livros infantis, receitas, propagandas políticas, rótulos de produtos industrializados, entre outros. Mas, quais destes instigam o seu imaginário e sua curiosidade? É por isso que não podemos esquecer que ler e escrever não são tarefas automáticas.

A materialização da linguagem se dá por meio de textos orais ou escritos. Isso vale dizer que os gêneros textuais mostram traços característicos relativamente estáveis guiados pela perspectiva do assunto temático, da forma composicional (estrutura) e do estilo (usos específicos da língua) sendo determinados pelas ações sociais decorrentes das intenções comunicativas.

A escrita alfabética é uma das maiores realizações da humanidade que, ao longo dos tempos, as pessoas foram criando as mais diversas formas de transmitir suas ideias, seus desejos e suas emoções. Os desenhos registrados em paredes de cavernas foram as primeiras e uma das mais antigas maneiras de comunicação do homem. Ela surgiu quando o ser humano sentiu a necessidade de registrar e de armazenar seus feitos para que a posteridade os conhecesse. Isso serve para otimizar a ideia de que é preciso dominar e se articular nas práticas sociais de leitura e de escrita na sociedade contemporânea com a intenção de se integrar socialmente e poder exercer a cidadania. Portanto, a escrita tem a função precípua de interação social.

Com essa compreensão, Saviani (2008, p. 422) vê a educação como uma intercessão no seio da prática social global que é o ponto de partida e o ponto de chegada da prática educativa. Professor e aluno auxiliados a partir de uma prática social estão “igualmente inseridos, ocupando, porém, posições distintas, condições para que travem uma relação fecunda na compreensão e no encaminhamento da solução de problemas postos pela prática social”.

Assim, este trabalho é resultado da experiência em duas turmas de Ciclo I, 2º e 3º anos, do Ensino Fundamental, de uma Escola Municipal de Belém (PA) com a lenda Matinta Perera. Ela foi o ponto de partida a fim de consolidar várias capacidades dos direitos de aprendizagem, dentre eles, o sistema de escrita alfabética e leitura. Tínhamos como objetivo principal despertar o interesse pela leitura e escrita. Elegemos a lenda Matinta Perera por ser um gênero textual (o conto) e folclórico presente no imaginário de nossos alunos. Além do que, oferece elementos (enredo, personagem, lugar e tempo) cujo uso alarga as experiências dos educandos acerca de seus conhecimentos linguísticos.

As crianças aprendem as histórias que são transmitidas de “boca à orelha”, compreendendo desde cedo que o imaginário é o desvio da imaginação e que a Amazônia é o celeiro das histórias. É como se elas fossem os alimentos para a manutenção desse mundo, por isso, é rememorando as histórias que a floresta, os animais, os seres encantados e os outros seres são alimentados. Histórias, palavras que nadam pelos rios, correm e percorrem pela floresta da Amazônia.

Para que houvesse um aprendizado gradual não perdendo de vista o foco principal, preferimos que o trabalho com a lenda Matinta Perera seguisse uma sequência didática que pudesse fornecer subsídios aos alunos envolvidos a lerem e escreverem, embora ainda não consigam fazê-las de maneira convencional. Escolhemos, para isto, a leitura de Schneuwly; Dolz (2004, p. 82) relacionada à sequência didática, podendo ser interpretada pela teoria do discurso como “conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”, tornando-a um diferencial na prática escolar do docente.

## **As etapas de execução da sequência didática com a lenda Matinta Perera**

### **Apresentação da proposta**

Decidimos fazer a exploração dos conhecimentos prévios dos alunos sobre a personagem lendária Matinta Perera, extraindo as palavras chaves: velha, pano, ave, tabaco, café e assobio, escrevendo-as no quadro branco e no caderno. A discussão com os alunos gerou em uma definição de a lenda ser uma narrativa com aventuras, mistérios, animais em forma de gente e seres encantados, mas tendo sempre uma explicação para os fatos como: respeito à natureza, alimentação, ensinamento, entre outros.

### **Contato com o gênero textual**

Lemos a **Matinta Perera**, de Bartolomeu Campos de Queirós (2002), em sala de aula, explorando as palavras, o enredo e as ilustrações do livro com os alunos. Em outro momento, houve a contação de história feita pelo professor com a participação e produção artística dos educandos (desenho e pintura da Matinta Perera e seus principais hábitos) na biblioteca da escola.

### **Produção Inicial**

Fizemos a leitura coletiva e individual da poesia Matinta, de Paulo Nunes<sup>2</sup>, acompanhada de questionamentos: quais semelhanças e diferenças você observou acerca de a Matinta Perera de Bartolomeu e a de Paulo Nunes? E, a sua como ela é? O que mais lhe chamou atenção? Para você ela pode ser real, por quê? Isso facilitou a produção do texto da criança, pois deveria recontar da sua maneira a lenda estudada. As palavras chaves da narrativa escritas em seu caderno, ligadas à personagem em questão, lhes serviram de suporte.

### **Ampliação do repertório sobre o gênero em estudo**



No decorrer das aulas, a lenda Matinta Perera era trabalhada em paralelo com outras atividades, no entanto, sempre se fazia um ditado de palavras com as crianças para averiguar seu progresso na escrita, pois existia o cartaz da lenda exposto na sala de aula.

A exibição do vídeo “Matinta Perera”, da coleção Catalendas, tornou-se proveitosa na produção coletiva do texto, oportunizando a criança verificar como deveria ser escrito seu texto, havendo a necessidade de elementos próprios e característicos da narrativa, refletindo também sobre a sua própria escrita. O texto coletivo foi escrito no quadro branco pelo professor escreva e, depois das correções, os educandos repassaram-no em folha própria. Além disso, os alunos viram o vídeo de “A morte da Matinta Perera”, da mesma coleção, seguido de atividades lúdicas como: desenho, pintura, caça palavras e labirinto em relação à personagem lendária.

---

<sup>2</sup> A noite alta vaga voos rasantes. A velha cabeluda se enovela cantando. Fii uiit it, Matintaperera! Quero tabaco, moleca, que quero-quero! Tempo de lua cheia e o fado da Matinta é sexta-feira. It, it, Matiiintapereeêê! Amanheceu o sábado: — Ave, Deus! Mas deixaram um osso de gente embrulhado no pano preto bem na janela do quarto. / — Cruz-credo! Virge de Nazaré! É Matinta, é?! Toc! Toc! Toc! / — Mas, menina, que olheiras são essas, já? / — Ah, madrinha, num soniei... / — Antão me dá um golito de café e um punhado de farinha. / Apalermada a menina quase morde a barra da saia. Não é que a Matinta era sua madrinha em carne e osso?!

## EM CENA A LENDA AMAZÔNICA: A MATINTA PERERA



ALUNO (A): \_\_\_\_\_ Professora: Célia Abreu e Rosilene Teixeira DATA: \_\_\_\_\_

ALUNO (A): \_\_\_\_\_ Professora: Célia Abreu e Rosilene Teixeira DATA: \_\_\_\_\_


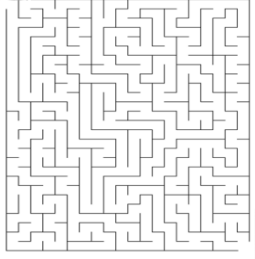
ATIVIDADE DE PORTUGUÊS: LABIRINTO DA MATINTA PERERA  
Esta atividade é baseada na Lenda. Dêmos duas palavras para serem adivinhadas.

### CAÇA PALAVRAS

C	F	I	M	P	T	X	Y	S	K
X	W	Z	A	T	I	A	N	U	L
P	A	S	S	A	R	O	O	M	U
W	M	V	A	B	T	V	I	J	A
A	U	D	C	A	T	C	T	L	K
B	L	F	I	C	A	F	E	E	V
O	H	F	B	O	T	O	H	N	E
I	E	E	I	C	A	S	A	D	L
R	R	M	A	T	I	N	T	A	H
A	S	S	O	B	I	O	R	Q	A

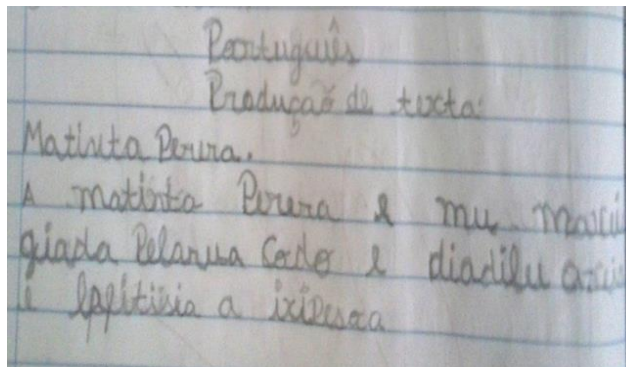
Ache as palavras e pinte-as com cores diferentes:

LENDA	TABACO	MULHER	VELHA	NOITE
MATINTA	PASSARO	CASA	ASSOBIO	CAFÉ

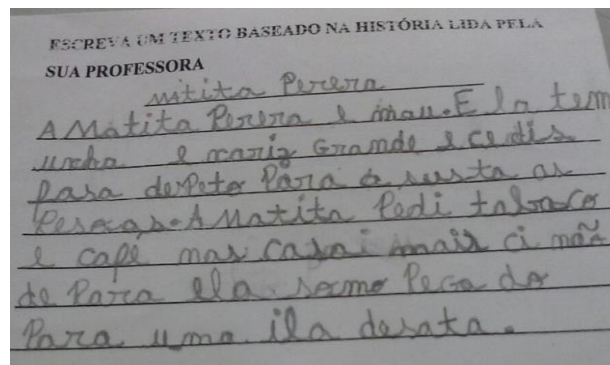


### Produção final

Organizamos a sala para ser um ambiente propício à apresentação do teatro de fantoches intitulado: “O namorado da Matinta Perera”. As crianças ficaram bastante envolvidas com a trama e com os perigos que o tabagismo pode causar nas pessoas. Depois, os alunos imbuídos pela lenda realizaram uma produção individual. Para isto, formaram-se duplas entre as quais deveria constar uma criança que já havia alcançado um nível alfabético de escrita para promover a autocorreção dela e a de seu colega, fazendo com que juntos pudessem refletir acerca do que escreveu. Nós assumimos o papel de semear a dúvida (“E assim que se escreve matita?”; “A história pode iniciar com letra minúscula?”; “Por que você escreveu tabako assim?”), permitindo à criança a liberdade de pensar acerca de seus erros e nos componentes de uma narrativa.



Texto de um aluno no início do trabalho.



Evolução da escrita desse aluno ao final do trabalho.

**Socialização das produções textuais e artísticas dos alunos** expostos em um mural para a visualização dos colegas de outras classes da escola e a premiação das melhores produções artísticas sob a forma de desenho da Matinta e de seus principais hábitos.

### **A Matinta Perera se despede com um silvo de aprendizagens...**

O ensejo de realizar a leitura literária como componente da prática escolar levou-nos à direção de possibilidades para a autoafirmação da cidadania de crianças que estão aprendendo a ler e escrever nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Durante nosso percurso, observamos que a compreensão das oralidades e das escritas dos estudantes não era nunca a de um comportamento reprodutivo, era sempre produtivo. Havendo um diálogo entre o horizonte de expectativas estéticas do texto e o horizonte da experiência com a narrativa popular da região, porque é inexistente o sujeito que ler e outro que vive em sociedade. Além do que, foi prazeroso ver o crescente interesse das crianças pela temática proposta, por ser um assunto presente no seu cotidiano; dessa forma, incentiva o educando a manifestar seus gostos, preferências, sentimentos e opiniões por meio da oralidade e da escrita.

A seriedade que é atribuída à pauta escolar não pode comprometer o prazer próprio da leitura literária. A leitura e a escrita acordam no ser humano dizeres insuspeitados servindo como porta de entrada a diversos mundos nos quais as únicas bagagens são a imaginação e a criatividade.

Ouvindo a lenda Matinta Perera os educandos perceberam que podiam fazer essa ligação entre palavras vistas em seus textos e que tomavam forma e sentido pelas propostas de escrita em sala, notando que há diversas formas de dizer determinada palavra/frase/expressão; todavia, sabendo que todas estão certas existe uma forma recomendada de usá-las em muitas circunstâncias sem perder a autoria do que deseja escrever.

A oralidade de matrizes impressas paraense vive esse encontro entre a letra e a voz que permeiam as histórias narradas pelos contadores. Histórias de tradição oral que foram coligidas por estudiosos no assunto transformando-as em histórias de tradição escrita, como vem ocorrendo com a Matinta Perera, ganhando uma nova roupagem ao ser passada para a escrita. Essa personagem lendária trabalhada por nós percorreu e, ainda, percorre por meio de as matrizes impressas vários lugares do mundo.

### **Referências**

COELHO, Maria do Carmo Pereira. **As narrações da cultura indígena da Amazônia**: lendas e histórias. São Paulo, 2003. 206 p. Tese de Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1985.

GERALDI, João Wanderley (Org.) O texto na sala de aula. São Paulo: Ática, 1997.

MARINHO, Marildes; SILVA, Ceris Salete Ribas das (Org.). **Leituras do Professor**. Campinas: Mercado de Letras, 1998. 184 p.

NUNES, Paulo. **Baú de bem-querer**. São Paulo: Paulinas, 2006.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. **A Matinta Perera**. São Paulo: FTD, 2002.

SAVIANI, Demerval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 2. ed. ver. ampl. Campinas: Autores Associados, 2008.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.